

Ressignificar, glamourizar, estetizar: notas sobre a loucura no tempo presente¹

Re-signifying, glamorizing, aestheticizing: notes on madness in the present time

Stefanie Gil Franco²
Viviane Borges³

DOI 10.26512/museologia.v12i23.45525

288

Resumo

O presente artigo tem como matéria de investigação objetos ligados à história da psiquiatria e de suas terapêuticas e que foram apropriados de forma estética ou artística. A arte pode ser nestes casos tanto um valor atribuído à posteriori, a revela das intenções de seu autor, ou empreendida de forma intencional destinada a um público consumidor. Com isso, propomos pensar de que modo camisas de força, embalagens de medicamentos, espaços asilares e outros elementos foram transformados em objetos estilizados, seja pela moda ou pela arte. Tais objetos possuem uma enorme e conflitante teia histórica e, por isso, escolhemos alguns desdobramentos deste cenário em momento contemporâneo.

Palavras-chave

arte; loucura; história pública; história do tempo presente.

Abstract

This article investigates objects related to the history of psychiatry and its therapeutics that were appropriated in an aesthetic or artistic way. Art can be, in these cases, either a value attributed a posteriori, in default of its author's intentions, or intentionally undertaken for a consuming public. With this, we propose to think about how straitjackets, medicine packaging, asylum spaces, and other elements have been transformed into stylized objects, whether by fashion or by art. Such objects have a huge and conflicting historical web and, therefore, we chose some unfoldings of this scenario in a contemporary moment.

Keywords

art; madness; public history; history of the present time.

Introdução

O presente artigo tem como matéria de investigação alguns objetos pertencentes historicamente ao desenvolvimento da psiquiatria e das suas terapêuticas e que foram apropriados de forma estética ou artística. A arte pode ser nestes casos tanto um valor atribuído à posteriori, a revela das intenções do seu autor, ou empreendida de forma intencional destinada a um público consumidor. Com isso, propomos pensar de que modo camisas de força, embalagens de medicamentos, espaços asilares e outros elementos foram transformados recentemente em objetos estilizados, seja pela moda ou pela arte. Tais objetos possuem uma enorme e conflitante teia histórica e, por isso, escolhemos alguns

¹ Pesquisa com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina – FAPESC (Edital Universal 12/2020) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) (Chamada CNPq/MCTI/FNDCT No 18/2021).

²

³

desdobramentos deste cenário em momento contemporâneo sem, para isso, necessitarmos de uma digressão histórica e explicativa alongada.

Abordar temas contemporâneos significa ter de lidar com a crítica quanto a ausência e/ou a dificuldade de recuo. Sob a ótica de uma história do tempo presente, o desafio imposto ao pesquisador exige uma dose extra de cuidado no forjar dos instrumentos de que necessita para empreender sua análise crítica. Nessa tessitura, o historiador é entendido como um agente ativo nos embates apresentados pelas demandas sociais, apreendendo a história ainda em movimento, atento aos limites e às possibilidades de ser contemporâneo em relação ao objeto que pretende examinar, partilhando com aqueles cuja história anseia narrar categorias essenciais muito próximas, além das mesmas referências fundamentais (CHARTIER, 2000: 215-8).

O ponto de partida da nossa reflexão surgiu quando, em 2020, a poetisa e artista visual Claudia R. Sampaio criou um objeto bordado tomando como matéria prima uma camisa de forças. Antes de prosseguirmos, é necessária alguma explicação sobre a artista e o ambiente criativo em que a peça foi criada. Cláudia R. Sampaio é artista residente do *Manicómio*, instituído como “o primeiro espaço de criação de Arte Bruta em Portugal”⁴, criado com o intuito de diminuir o estigma da doença mental. A escolha do nome do projeto é visivelmente uma provocação. Nomear um lugar que se propõe a contribuir para diminuir as cicatrizes da doença mental e do internamento psiquiátrico justamente de *Manicómio* é uma forma de dar certa normalidade, banalizando o uso da palavra, através da configuração de um espaço de trabalho ligado à arte, conforme narrado pelos responsáveis do projeto⁵. Evidencia, por outro lado, a carga de significados potentes à inserção artística através da doença mental, acionando um diferencial que desperta o interesse do público. Trata-se de um ambiente de criação artística que funciona fora dos espaços institucionais tradicionais e destinado às pessoas que tiveram suas trajetórias marcadas pela experiência da doença mental. A noção de experiência empregada agrega legitimidade a um manicômio idealizado e, ao mesmo tempo, possibilita normalizar uma vivência ainda carregada de preconceitos pela sociedade.

Criado em 2019, o *Manicómio* diz ter como objetivo desmistificar o estigma associado à doença mental através do incentivo à empregabilidade, promovendo a inclusão social. A ideia nasceu no *Centro Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa*, idealizado por Sandro Resende e José Azevedo, que trabalharam por duas décadas no atelier de arte que funciona no Hospital Júlio de Matos. A proposta pretende incorporar a ideia de *art brut*, porém, ir além do seu significado original. Ou seja, incorpora a premissa de que os artistas residentes do projeto possuem produções espontâneas ou subjetivas, entretanto, propõe estímulos criativos, a partir de ideias e de sugestões de trabalho. Muitas delas, formuladas em parceria com marcas na criação de *design* de produtos. O projeto permite que indivíduos com passagem por serviços de atenção à saúde mental desenvolvam suas obras, apoiadas por auxílio financeiro, refeição e transporte⁶. Uma proposta que visa

4 <https://www.sns.gov.pt/noticias/2019/05/17/projeto-manicomio/> (Último acesso em 25/08/2022).

5 <https://www.pressreader.com/portugal/vogue-portugal/20190601/282291026723500> (Último acesso em 25/08/2022).

6 “Os artistas recebem uma bolsa, que inclui refeições, transportes e um salário, além de 70% da receita que resultar das vendas das peças produzidas e 90% dos workshops que realizam”. O Manicómio já ganhou concursos de criatividade, recebeu o prêmio de Mérito pelo Ministério da Saúde, tem diferentes projetos de arte e conta com apoio do Turismo de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa e Juntas de Freguesia. Ver <https://www.lisboa.pt/actualidade/reportagens/manicomio-arte-sem-preconceito> (último acesso

“acelerar o processo criativo e a produção de Arte Bruta portuguesa”, “facilitar o caminho da inclusão” e “ultrapassar dentro da população portuguesa todos os estigmas associados à doença mental”⁷.

Dentre as obras produzidas no *Manicómio* está a camisa de forças, objeto artístico de Cláudia R. Sampaio - que recebe o nome de “Somos este milagre insuportável”⁸, inspirado num poema da própria artista -, que surgiu como uma proposta criativa do diretor artístico do *Manicómio*. Conforme descreve:

A ideia da camisa de forças foi do Sandro Resende. Ele viu um casaco que eu fiz, e uma saia, e não sei se foi a partir daí que ele teve a ideia. Mas disse-me “comprei umas camisas de forças, para transformares como quiseres”. E eu pensei logo “maravilhoso”, e quis pegar na camisa e fazer o oposto da sua representação que está associada a uma imagem de horror, transformando-a numa coisa harmoniosa, até algo quase fashion, com poesia misturada. Nesta obra, tem um verso meu, que é “somos este milagre insuportável” que é também o título da obra e resume absolutamente o que é ter uma doença mental e viver neste mundo com essa condição. (SAMPAIO, 2021: 67)

É interessante atentarmos que esta não é uma camisa de forças retirada de um acervo, foi comprada ou fabricada para ser intervencionada como objeto de arte. É fácil encontrar camisas de forças comercializadas em lojas de fantasia ou páginas da *Amazon*, para venda ou para publicização de marcas. Em boa parte, as camisas aparecem relacionadas a um temperamento cômico, essencialmente cenográfico e performático, por vezes também erótico entrecruzando o manicomial com o ambiente *bondage*.

Imagem 01 – “Somos este milagre insuportável”, obra de Cláudia R. Sampaio



(FONTE: <https://www.facebook.com/manicomio.portugal/photos/pcb.2982167005338060/2982165218671572>)

em 25/08/2022).

7 <https://www.esquerda.net/artigo/manicomio-arte-contra-o-estigma-da-doenca-mental/59135> (Último acesso em 25/08/2022)

8 Publicado no livro *Já Não Me Deito em Pose de Morrer* (2020).

Tão curioso quanto é o uso da camisa de força enquanto uma estética inserida em desfiles de moda, como fez a marca *Gucci* sob a pretensão de questionar ou “provocar” as “vestimentas normativas” que são ditadas pela sociedade, como as camisas de força, os uniformes e roupas utilitárias. A descrição aparece na página de instagram da marca, junto à imagem de uma modelo a vestir uma camisa e forças, com os olhos marcados com olheiras profundas, os cabelos soltos, sem o costumeiro glamour que acompanha o mundo da moda⁹. O desfile desta campanha, entretanto, foi marcado por um protesto feito pela modelo Ayesha Tan-Jones que, vestida com um macacão branco, desfilou com a palma das mãos abertas, onde se lia: *mental health is not fashion*.

Imagem 02 – Desfile Gucci.



(FONTE: <https://www.facebook.com/GUCCI/photos/a.81172311012/10157287944751013/?type=3>)

Imagem 03 – Desfile Gucci. Ayesha Tan-Jones, *Mental Health is not fashion*.



(FONTE: <https://edition.cnn.com/style/article/gucci-protest-milan-intl-scli/index.html>)

⁹ <https://www.instagram.com/p/B2t4UoZCb-y/> (Último acesso em 23/08/2022).

Ressignificar; glamourizar; estetizar:
notas sobre a loucura no tempo presente

A *Revista Vogue Portugal* também foi alvo recente de críticas quando sugeriu tratar da questão da saúde mental apresentando o tema *The madness issue. It's summer outside*. Na postagem feita no *Instagram* da revista, lemos a legenda sobre a capa:

292

Vol. 12, n.º 23, Jan./Jun. 2023.

MUSEOLOGIA & INTERDISCIPLINARIDADE

THE MADNESS ISSUE. COVER 1/4

It's about love.

It's about life.

It's about us.

It's about you.

It's about now.

It's about health.

It's about mental health.#themandnessissue It's about time.¹⁰

Imagem 04 – Revista Vogue, It's Summer Outside



(Fonte: <https://edition.cnn.com/style/article/vogue-madness-issue-scli-intl/index.html>)

De fato, a intenção da revista estava mais em discutir questões amplas de saúde mental, considerando que a edição foi publicada em meio a pandemia de Covid-19, do que necessariamente sobre questões próprias da loucura ou da psiquiatria. Entretanto, a capa apresenta uma mulher nua imersa em uma banheira, em ambiente que sugere ser um hospital psiquiátrico, tendo a sua volta duas cuidadoras a despejar água sobre sua cabeça. Conteúdo que foi justificado pela própria revista¹¹:

Uma das capas mostra um cenário de hospital onde a modelo está a ser cuidada pela sua mãe e avó, na vida real, fotografadas pelo fotógrafo Branislav Simoncik. A nossa intenção é abrir o tópico da saúde mental e trazer para a mesa de discussão as instituições, a ciência e as pessoas que estão envolvidas com a saúde mental nos tempos que correm. O editorial que faz esta capa explora o contexto histórico da saúde mental e foi imaginado para refletir histórias

¹⁰ <https://www.instagram.com/p/CCJpMfAnpoW/> (Último acesso em 20/08/2022).

¹¹ A Revista apresentou 4 capas diferentes com a mesma temática.

autênticas e da vida real, inspirado por uma pesquisa profunda de centenas de imagens de reportagem retiradas dos mais relevantes e famosos documentários que captaram este gênero de instituições. No interior da edição, encontram-se entrevistas e contributos de psiquiatras, sociólogos, psicólogos e outros especialistas na área. A saúde mental é apenas um dos tópicos abordados nesta edição e nunca é confundido com o tema “loucura”, é antes abordado como um lado do comportamento humano.¹²

A crítica ressoou no sentido de que a revista estaria “glamourizando” a loucura, ao invés de pensar fadidamente sobre a presença do poder psiquiátrico e do sofrimento da loucura em nossa sociedade. Afinal, a capa apresenta mulheres bem vestidas como enfermeiras e uma bela e jovem modelo a representar a doente, todas a posar sistematicamente para a fotografia em ambiente luminoso e de cores serenas. Não há, de fato, como intenciona a narrativa da revista, uma ampla investigação sobre os “contextos históricos da saúde mental”, pois estes nunca estiveram ao nível da estética ou do *glamour* que a capa nos leva a observar.

O *fashion* também entra nas palavras de Cláudia R. Sampaio, introduzindo com um sentido de “harmonia”, aquilo que possibilita configurar leveza ao peso atrelado a um objeto carregado de estigmas, convergindo em poesia o que remete à dor, tornando o objeto o oposto da sua função. A artista traz uma definição bastante interessante sobre a apropriação da noção de loucura em ambiente estetizante:

Sabes o que eu tenho percebido? A loucura não é um estigma, a loucura é fashion, cool. A doença mental é que é estigmatizada. Porque tem a palavra doença, isso é o que gera estigma. As crianças ofendem-se assim “ó seu doente mental”, “pareces atrasado.” Agora se disserem, “ah, és um louco” e se fores artista... então já és o Salvador Dali! (SAMPAIO, 2021: 68)

A diferenciação entre “loucura” e “doença mental” também foi feita na justificativa da *Revista Vogue Portugal* quando decidiu por retirar a edição, com a capa descrita acima, de circulação:

A loucura, a que dedicamos esta edição, a loucura no seu sentido lato, está presente na vida de todos nós - na Arte, na Moda, nas nossas atitudes, nas nossas escolhas, no nosso comportamento, nas relações, no nosso choro e no nosso riso, e sem dúvida nunca esteve tão presente no nosso léxico diário. E o que é a loucura? A cada um de nós caberá uma definição diferente, mas numa certeza temos todos de nos encontrar: loucura não é o mesmo que doença mental¹³.

Se a doença mental é diferente da loucura, esta cisão se dá exatamente na linha que separa as questões médicas psiquiátricas das questões estéticas. Ou seja, a loucura faz parte do imaginário estético e poético. O que deve, entretanto, ser colocado em evidência é que os elementos apropriados, pela arte ou pela moda, fazem parte do domínio da doença mental e da psiquiatria. Estamos falando de ambientes clínicos, de peças de contenção física e de medicamentos, portanto, estamos a falar de doença mental e não da “loucura em sentido lato”. É conhecido na história da psiquiatria que, em ambiente asilar, as camisas de força deixaram de ser usadas com o advento dos psicotrópicos e das práticas de atenção psicossocial que se intensificaram após críticas aos métodos de con-

12 <https://www.instagram.com/p/CCMRgT9AGgC/> (Último acesso em 20/08/2022)

13 <https://www.vogue.pt/editorial-sofia-lucas-madness-issue-vogue> (Último acesso em 20/08/2022)

Ressignificar, glamourizar, estetizar:
notas sobre a loucura no tempo presente

tenção baseados na força e no isolamento profilático, típicos da psiquiatria dos séculos XIX e XX.

O *Manicómio*, como anteriormente dito, trabalha em parceria com empresas na criação de produtos. Um caso relevante são as drágeas de chocolate da marca *Arcádia* que, na versão proposta, aparece como um recipiente de vidro em estilo *vintage*, a remeter antigos frascos de medicamentos. Na publicidade da marca, os chocolates são chamados de “comprimidos mágicos” e no *Instagram* do *Manicómio*, lemos a legenda: “Um comprimido por dia, não sabe o bem que lhe fazia!”. A proposta, inovadora no cenário português, colabora com a intenção de propagação da imagem do sujeito “louco” como um sujeito produtivo, inclusive para o mercado. Claro, deve-se levar em conta que nem todos os sujeitos que expressam-se artisticamente serão integrados aos sistemas da arte ou ao mercado de design e produtos:

Acho que a arte quando levada a sério pode ser muito frustrante e há muitas dificuldades, tanto aqui quanto na terapêutica. Há muitas formas de trabalhar e de encarar a arte dentro do hospital e há doentes que podem usar a arte de forma mais terapêutica, onde é possível alguém ajudar para que a recompensa seja boa. Vamos imaginar um doente que queira imitar um Van Gogh ou um Monet, ao ajudá-lo a ter essa recompensa é terapêutico, mas isso não é propriamente arte. Quando o doente quer levar a arte mais a sério pode ser frustrante como todos os artistas do mundo sabem, dos mais consagrados aos mais emergentes e nós que trabalhamos com o mercado, sabemos a dureza que isso tem. Ou seja, pode ser ou não pode ser terapêutico, depende da forma como o indivíduo quer trabalhar com o objeto de arte.¹⁴

Imagem 05 - Chocolates Manicómio Arcádia



(Fonte: <https://www.facebook.com/manicomio.portugal/photos/3291577294397028>)

Na atualidade, a noção de doença mental vem sendo substituída pela noção de saúde mental. Os manicômios - com todos os estigmas que o termo carrega, ligados a longos períodos de internamento, às existências confinadas e brutalizadas -, foram gradualmente substituídos em processos de desinstitucionalização e ressocialização, do qual o projeto *Manicómio* faz parte. Transforma-

¹⁴ <https://www.artecapital.net/entrevista-206-sandro-resende> (Último acesso em 20/08/2022).

ções que tiveram início na década de 1960 e que seguem ecoando no presente através de políticas sociais de intervenção voltadas à promoção da saúde e prevenção, objetivando a reintegração social dos doentes ao meio social (FRANCO, 2021).

Junto a estas transformações, temos que referir que a doença mental e, conseqüentemente, a internação em instituição psiquiátrica, foram os elementos chaves para a construção da noção de *art brut*, assim como de suas derivações, julgando que os sujeitos acometidos por quadros de doença mental, quando criavam a partir de evocações instintivas e “cruas”, sem intervenções da educação artística e da crítica cultural, concebiam objetos de valor único. Estes elementos conferiram uma espécie de exotismo à produção artística de sujeitos institucionalizados, que nos dias de hoje não correspondem, totalmente, à realidade a considerar o crescente fechamento dos hospitais psiquiátricos, o fim dos longos internamentos e a crescente medicalização dos doentes. Assim, o fundamento da *art brut*, em seu modelo original tal como proposto por Jean Dubuffet na década de 1940, estaria na trajetória de vida dos sujeitos.

No entanto, identificar o lugar da loucura nas criações artísticas pode ir além das escolhas estéticas e/ou conceituais. Se for opção do artista - se as informações a respeito da sua biografia não forem por ele consideradas algo a ser preservado -, a experiência institucional pode servir de testemunho, como gancho para acionar significados políticos e sociais. Nessas situações, os segredos desvelados a partir das trajetórias atravessadas pela experiência da loucura podem ser entendidos para além do pessoal, mas como vetores para pensar as instituições a que pertencem (ou pertenciam) tais sujeitos. Dizem respeito ao abandono, à precarização de suas existências por meio de internamentos e/ou vivências marcadas pelo descaso ligado à loucura. Não tratar dessas trajetórias, não acioná-las a partir da chave da loucura, ajuda a proteger suas existências ou simplesmente serve para manter algum sigilo a respeito dos estigmas ligados à loucura que ainda reverberam no presente?

A exibição de camisas de força em museus é algo recorrente. No *Museu Miguel Bombarda*, por exemplo, que funciona no antigo hospital desativado em Lisboa¹⁵, a “camisa de forças” é um dos objetos expostos, emoldurado na parede, como se fosse um quadro. Não se explica o seu contexto histórico, tampouco o uso que lhe era dado, apenas a legenda «usado 1930-1950», embora haja no espaço uma fotografia a preto e branco onde se vêem alguns doentes a usá-lo (BORGES & GOMES, 2021). De outra forma ocorre no *Museu São João de Deus. Psiquiatria e História, na Casa de Saúde do Telhal*¹⁶, que opta por explicar o objeto exposto na perspectiva dos tratamentos utilizados em determinadas épocas: “nos esquizofrênicos em fase de agitação e de fúria era por vezes necessário usar meios de contenção, imobilizando-os, quando a terapêutica ocupacional mais activa não era suficiente”. e mais adiante “Nesta mesma década foram dados novos passos que iriam revolucionar a terapêutica psiquiátrica, até à entrada dos neurolépticos e psicotrópicos. Foram eles o choque insulínico, ou insulinoterapia, o electrochoque e a leucotomia”. (BOLÉO-TOMÉ, 2009: 197).

15 A desativação do hospital atendeu a um longo processo que culminou em 2009 na venda do complexo à empresa Estamo e a sua desativação efetiva, entre 2010 e 2011, que foi acompanhada por um forte debate, levantando questões sobre o destino dos pacientes e funcionários, bem como dos prédios, arquivos, mobiliário e obras de arte.

16 Unidade de Saúde de referência em psiquiatria, saúde mental e reabilitação psicossocial, em Sintra, Portugal. A Casa durante os anos de 1930 foi referência em ergoterapia e chegou a ter um Museu da Loucura, fundado pelo então diretor, o médico Luís Cebola (FRANCO, 2021)

No site da Coleção Prinzhorn¹⁷(1972), “considerada a mais célebre e rica já formada numa instituição psiquiátrica europeia” (CRUZ JUNIOR, 2009: 35), é possível encontrar uma “jaqueta bordada”. O trabalho é de uma paciente, Agnes Richter, que esteve internada na *Clínica Psiquiátrica Heidelberg*, na Alemanha, no final do século XIX. Agnes Richter era costureira e bordou o objeto por dentro e por fora. Apesar de quase ilegível, é possível perceber que Agnes costurou aspectos de sua vida, trechos da sua própria história. A peça pode ter sido uma roupa trazida por Agnes, ou um uniforme institucional resignificado. Contudo, se olharmos atentamente, a peça se assemelha a uma camisa de força. Conforme o site da coleção: “*If you take a close look at the jacket, it seems to be illogically constructed: on the torso, the seams are facing outwards, and the sleeves themselves are attached the wrong way around, so that they face the back. Was the seamstress trying to express her ‘madness?’*”¹⁸ Eventualmente, a peça pode ter sido originalmente criada para conter a sua loucura. Assim como as camisas (ou coletes) de força, as mangas da “jaqueta” bordada por Agnes são muito compridas e voltadas para as costas, o que permitia que fossem amarradas, imobilizando os braços. Uma forma de contenção física introduzida por Pinel no século XX, considerada menos dolorosa na época (PESSOTI, 1996).

Objetos do cotidiano institucional carregados de significados ligados a despersonalização, transmutados em registros pessoais. Estes objetos da cultura material ligados aos hospitais psiquiátricos mostram tanto as dinâmicas institucionais, como as relações com a sociedade exterior, bem como a vida dos internos antes do internamento. Ressignificados pelos internos eles ganham novos significados, que vão de motivações e impulsos pessoais durante o internamento à consagração como arte, por vezes à revelia de suas intenções e vontades.

Um dos casos mais emblemáticos nesse sentido é o de Arthur Bispo do Rosário (BORGES, 2019), internado na Colônia Juliano Moreira, antigo hospital psiquiátrico do Rio de Janeiro, por cerca de 50 anos. Bispo bordou estandartes, listas de nomes, mapas, entre outras coisas, em lençóis e uniformes do Hospital. Ele não se dizia artista, estava registrando o mundo à espera do juízo final. Uma das peças mais conhecidas é o *Manto da Apresentação*, o traje que Bispo usaria para se apresentar a Deus no dia do juízo final. A peça é coberta de inscrições. Por fora, um turbilhão de pequenas imagens e palavras de cores variadas que simbolizam sua história e sua importância, a serem ressaltadas no momento derradeiro. Inscrições tais como “universo”, “Céu”, “Meu Norte”, além de figuras bordadas, entre elas uma rosa dos ventos, instrumento de orientação comum em todos os sistemas de navegação antigos e atuais e que talvez servisse para orientar o velho marinheiro em sua ascensão aos céus. Por dentro, vários nomes bordados em azul (uma das cores de sua aura), nomes daqueles que o haviam reconhecido e que, portanto, se salvariam no dia do julgamento divino.

17 “The Prinzhorn Collection Museum is dedicated to art created by men and women with mental disorders. The unique body of the original collection known worldwide is made up of approximately 6,000 works, all created by inmates of psychiatric institutions between 1840 and 1940. It ranges from water-colours, drawings, paintings and sculptures to textile works and texts. The major part of it was collected while art historian and psychiatrist Hans Prinzhorn (1886–1933) worked as assistant physician at the Psychiatric Hospital of Heidelberg University. Among the most famous artists and authors whose works are held include count Else Blankenhorn, Franz Karl Bühler, Karl Genzel, Paul Goesch, Emma Hauck, August Klett, August Natterer, Agnes Richter, Joseph Schneller, Barbara Suckfüll and Adolf Wölfli”. <https://prinzhorn.ukl-hd.de/museum/about/?L=1>.

18 <https://prinzhorn.ukl-hd.de/exhibitions/aktuell/precious-item-of-the-week/jacket/?L=1> (Último acesso em 20/08/2022).

Em 1997 o Manto da Apresentação foi reinventado para a coleção de inverno do estilista mineiro Ronaldo Fraga, que criou uma coleção inteira inspirada no trabalho de Bispo. “A coleção Em nome do Bispo, com cerca de 80 peças, mostrou roupas com inscrições, usando muito tecido de cobertor e bordados” (GAZETA MERCANTIL, 1999). A coleção integrou as comemorações dos dez anos da morte de Bispo, que faleceu sem deixar rastros de parentes e/ou amigos, depois de cerca de 50 anos de internamento sem registro de visitas, na Colônia Juliano Moreira. A loucura de Bispo, corroborada pelo diagnóstico de esquizofrenia em seu prontuário, não foi mencionada em nenhum momento nos registros encontrados a respeito do desfile, que ressaltava apenas o artista, dono de uma “obra sem precedentes” (idem). O discurso referente ao desfile articula uma nova expressão, “olhar bispiano”, que pretendia definir a maneira como a personagem via e criava (BORGES, 2019).

Considerações finais

Os manicônios, que, entre meados do século XIX e até pelo menos a década de 1960¹⁹ podem ser caracterizados, entre outras coisas, por longos períodos de internamento e existências brutalizadas, na atualidade são instituições em extinção. Lugares que a partir da segunda metade do século XX foram envolvidos por discursos que buscam alternativas preocupadas com a desinstitucionalização. Transformações que seguem reverberando no presente, voltadas à saúde mental (e não mais doença mental) e a políticas sociais de intervenção ligadas à promoção da saúde e à prevenção, bem como à reintegração social dos doentes ao meio social (FRANCO, 2021).

Estas obras encontradas em instituições psiquiátricas, muitas vezes reduzidas a sintomas, resultam de criações espontâneas, sem terem necessariamente intenções artísticas, que sob a luz da *art brut* e suas derivações foram instituídas como arte. Entretanto, nos últimos anos, o que se vê é uma virada neste sentido de “arte descoberta” sem terem sofrido intervenções dos meios culturais. O circuito da arte contemporânea vem reconfigurando o espaço da loucura enquanto o próprio conceito da obra de arte. A *art brut*, como pensada por Jean Dubuffet, valorizava a arte enquanto excepcionalidade:

Para provocar uma forte adesão, uma obra de arte deve revestir-se de um carácter excepcional; é esse aspecto que cria o elevado preço. Aqueles que a apreciam também devem ser excepcionais, porque é o carácter excepcional do apreço pela obra que alimenta a própria afeição. (...) A raridade é que dá valor às coisas; elas depreciam-se à medida que se multiplicam. Quem adoptasse o processo de oferecer um colar de esmeraldas às pessoas comuns para as enriquecer, acabaria por compreender que as esmeraldas perdiam todo o valor... (DUBUFFET, [1986], 2002: 16)

A arte contemporânea, enquanto promotora da loucura no campo das artes, parece estar mais preocupada em evocar a loucura como elemento discursivo, ressignificando práticas e discursos históricos. Por um lado, parece fazer isso de forma a negar a ideia de que os sujeitos loucos criam de um modo especial, como por um instinto arraigado, dotando o sujeito da racionalidade que lhe foi negada historicamente pelo poder psiquiátrico e pelo isolamento manicomial. Por outro lado, mantém a imagem da excentricidade da loucura

19 Cabe mencionar a Lei n.º 2.118, de 3 de abril de 1963. A esse respeito, ver: Hespanha (2010).

presente nas criações, como um distintivo de originalidade.

A arte aciona o debate público através de sua capacidade de provocar o estranhamento do cotidiano. “É possível encontrar uma liberdade na arte que não está presente em uma abordagem historiográfica, por exemplo, porque nela encontramos uma possibilidade de representação que não está restrita às fontes existentes” (CASTRO, SANTOS & BORGES, 2021)²⁰. Como problematizar a loucura e a sua história, quando se lida com a morte ou a incapacidade de várias potenciais testemunhas? A criatividade, a imaginação e as experiências pessoais podem trazer à tona situações que não podem ser afirmadas pela pesquisa acadêmica. Representações da loucura associadas às intervenções artísticas têm sido capazes de estranhar o que é naturalizado, não permitindo o esquecimento ou o apagamento, mas constituindo novos olhares, tornando a arte um ato político.

As intervenções artísticas potencializam o debate a respeito da loucura, ajudam a produzir reflexões e questionamentos que estiveram ausentes dos espaços oficiais de memória. Ajudam a questionar a natureza das instituições, a deslocar o olhar da doença para a saúde mental, reconfigurando a loucura a partir de novos suportes que acabam por trazer novos significados que tiram as tragédias pessoais daqueles que passaram por experiências de internamento do discurso que as banaliza e reproduz de forma mecânica e padronizada.

Referências

ADAIR, Bill. FILENE, Benjamin. KOLOSKI, Laura. *Letting go? Sharing historical authority in a user-generated world*. Left Coast Press, 2011.

ALBARRÁN, Juan. Por una Historia del arte del presente. In: BRESCIANO, Juan Andrés. *El tiempo presente como campo historiográfico*. Montevideo: Ediciones Cruz del Sur, 2010.

ANDRIOLO, Arley. *Traços primitivos: histórias do outro lado da arte no século XX*. Tese de doutorado em Psicologia. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2004.

AVILLEZ, Maria João. A memória de Valentim. In *Expresso*, 10 de Maio de 1980, p.18R

BOLÉO-TOMÉ, José de P. Medicina e assistência hospitalar. In GUEDES, Natália Correia (coord.). *Museu São João de Deus – Psiquiatria e história*. Lisboa: Editorial Hospitalidade, 2009.

BORGES, Viviane. “Salvem o Hospital!”: Sobre patrimônios dissonantes da psiquiatria no Brasil e em Portugal. *Mouseion*. Canoas. N. 24. Dezembro, 2019.

BORGES, Viviane. *A invenção de Arthur Bispo do Rosário: Loucura, Arte e Patrimônio Cultural*. São Paulo: Letra & Voz, 2019.

20 Sobre a dificuldade do testemunho na representação do real e sua relação com a literatura, ver Marcio Seligmann-Silva (2003)

CASTRO, M.; SANTOS, MYRIAN SEPÚLVEDA DOS ; BORGES, Viviane Trindade. Contando uma história difícil. In: FRAGA, Hilda Jaqueline de, et al. (Orgs.). *Experimentações do patrimônio: diversidades e resistências*. 1 ed. Porto Alegre: Fi, 2021, v. 1, p. 342-368.

CAPDEVILA, Luc; ROUQUET, François; VIRGILI, Fabrice; VOLDMAN, Danièle. *Hommes et femmes dans la France en guerre (1914–1945)*. Paris: Payot e Rivages, 2003. 362 p.

CASCAIS, António F.; MEDEIROS, Margarida. *Hospital Miguel Bombarda, 1968*. Lisboa: Documenta, 2016.

CHARTIER, Roger. A visão do historiador modernista. In: FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaína. *Usos & abusos da história oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2000, p.215-218.

Conversa com Cláudia R. Sampaio [Concedida a Stefanie Gil Franco e Fernando Rosa Dias]. Convocarte, *Revista de Ciências da Arte*, n.º 10, set 20, Arte e Loucura - Estética E Teoria Lisboa. Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa, 2021.

COSTA, Thays Alves. A arte bruta de Jean Dubuffet. *Palíndromo*, v. 11, n. 25, p. 115-130, set - dez 2019.

DELACROIX, Christian. A história do tempo presente, uma história (realmente) como as outras? In *Tempo e Argumento*, v. 10, n. 23, p. 39-79, 2018.

DUBUFFET, Jean. *Cultura Asfixiante*. Tradução de Serafim Ferreira. Lisboa: Orpheu -Negro, [1986] 2022.

FERREIRA, Marieta. *A história como ofício: a constituição de um campo disciplinar*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2013.

FERREIRA, João Maria D'Oliveira e Sousa Garcia. *O desenho em contexto de arte-terapia para pessoas com doença mental*. Trabalho de Projeto. Mestrado em desenho. Universidade de Lisboa. Faculdade de Belas Artes, 2019.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2002.

FRANCO, Stefanie Gil. *Os imperativos da arte: encontros com a loucura em Portugal do século XX*. Lisboa: Editora Caleidoscópio; DGPC, 2021.

FRISCH, Michael. A história pública não é uma via de mão única, ou, de A Shared Authority à cozinha digital, e vice-versa. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (Orgs.). *História Pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

Ressignificar; glamourizar; estetizar:
notas sobre a loucura no tempo presente

HESPANHA, Pedro. A reforma psiquiátrica em Portugal: Desafios e impasses. In *Desinstitucionalização, redessociais e saúde mental: análise de experiências da reforma psiquiátrica em Angola, Brasil e Portugal*. Recife, Brasil: UFPE, 2010, p. 137-162.

OLIVEIRA, J. F. Reis de. Valentim. In *Valentim de Barros*, (exposição) CHPL, s/d.

PESSOTI Isaias. *O século dos manicômios*. São Paulo (SP): Editora 34; 1996.

PRINZHORN, Hans. *Artistry of the Mentally Ill*. New York: Springer-Verlag, 1972.

SAMPAIO, Cláudia R. *Já não me deito em pose de morrer*. Porto: Porto Editora, 2020.

Recebido em outubro 2022.

Aprovado em março 2023.